

Renan Albuquerque - Weberson Grizoste  
organizadores



Estudos  
Clássicos e  
Humanísticos  
& Amazonidades

ALEXA  
CULTURAL

EDUA  
EDITORA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO AMAZONAS

Vol. 2

© by Alexa Cultural

**Direção**

Yuri Amaro Langermans

Nathasha Amaro Langermans

**Editor**

Karel Langermans

**Capa**

K Langer

**Revisão Técnica**

Michel Justamend e Renan Albuquerque

**Editoração Eletrônica**

Alexa Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A319t ALBUQUERQUE, R.  
G431w GRIZOSTE, W.

Estudos clássicos e humanísticos & amazonidades - vol. 2 , Renan  
Albuquerque e Weberson Grizoste, Alexa Cultural: São Paulo, 2018

14x21cm - 218 páginas

ISBN - 978-85-5467-016-0

1. Antropologia - 2. Letras - 3. Estudos clássicos e humanísticos - 4,  
Amazonas - I. Índice - II Bibliografia

CDD - 300

Índices para catálogo sistemático:

Letras

Estudos Clássicos e Humanísticos

Amazonas

Antropologia

Todos os direitos reservados e amparados pela Lei 5.988/73 e Lei 9.610

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emi-  
tidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da editora e dos organizadores.

**ALEXA**

**Alexa Cultural Ltda**

Rua Henrique Franchini, 256  
Embú das Artes/SP - CEP: 06844-140  
alexax@alexacultural.com.br  
alexacultural@terra.com.br  
www.alexacultural.com.br  
www.alexaloja.com



**Editora da Universidade Federal do Amazonas**

Avenida Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, n.  
6200 - Coroado I, Manaus/AM  
Campus Universitário Senador Arthur Virgílio  
Filho, Centro de Convivência – Setor Norte  
Fone: (92) 3305-4291 e 3305-4290  
E-mail: ufam.editora@gmail.com

# COMPARAÇÕES HERMENÊUTICAS SOBRE O PRINCÍPIO DA OBEDIÊNCIA EM ENEIAS, ABRAÃO E JÓ

Isaias dos Santos<sup>1</sup>  
Renan Albuquerque<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

A *Eneida*, a nosso ver, é uma epopeia que foi escrita com intuito de celebrar o surgimento e o desenvolvimento do Império Romano na Idade Antiga. Valores que nortearam outrora a vida desse povo são apontados por meio da obra. Podemos destacar, por exemplo, aspectos descritos segundo a abordagem de Virgílio (1999), em sua epopéia, que sublinhou crenças, práticas religiosas, triunfos heróicos, históricos e ideais de vida incentivados por Roma.

Segundo Camps (1969), *Eneida* é a história da migração dos remanescentes troianos que, tomados pelo comando de Eneias, deixaram as muralhas destruídas de Tróia e avançaram rumo a Itália. A partir dessa perspectiva, Grizoste (2011) aborda que Virgílio, por ser romano, se espelha em Homero – escritor grego que narra façanhas dos heróis gregos em suas obras *Iliada* e *Odisséia* – para construir a *Eneida*, contando as façanhas de Eneias a partir da sua obediência aos deuses, na construção do império romano.

Diante dessa perspectiva, Quinn (1968) aborda que *Eneida*, de Virgílio, tem o objetivo de relatar e explorar temas de interesse do povo romano. Segundo Grizoste (2011), os romanos tinham apreço especial pela moral, pela rotina e disciplina, além de um interesse dominante pela história, e isso nota-se exatamente na obra de Virgílio, a partir da qual se observa que existe a destacada exaltação de princípios e normativas cotidianas para a população, bem como um anti-herói diferente dos heróis gregos, estes autores de grandes façanhas, porém com características que ressaltam o valor humano.

---

1 Graduado em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (Facibra) e mestrando em Ciências da Educação pelo Saint Alcuin Of York Anglican College, do Chile.

2 Pós-doutorado em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (FIC/Ufam).

Como almejamos notar nessa consideração, os romanos preocupavam-se mais com os ideais de “ser humano” do que com a realização de grandes feitos em comparação a gregos. Grizoste (ID., op. cit.) nos remete à perspectiva de que, na obra de Virgílio, há algo fundamental explicitado: a estrutura da epopeia. É compreensível a abordagem de que o autor organiza conscientemente o conflito e a tensão, pois a história de Virgílio direciona o olhar para Homero, porque de certa forma esta é a continuação daquela.

Segundo Pereira (1984), o romano ideal teria de possuir três características. *Virtus* (virtude), que seria um conjunto de qualidades morais; *fides* (fidelidade), que é amparada na intenção ao respeito; e *pietas* (piedade), que representa um conjunto de regras de comportamento, de obediência e respeito, sendo a *pietas* a mais relevante das três características por representar uma síntese das demais. Diante disso, entre as três características de romano ideal, então citadas, a *pietas* pode ser encontrada em Eneias e esta também é uma característica presente nos personagens bíblicos Abraão, Jó, Jesus e Paulo, integrantes do presente estudo. Desta feita, o disposto permitiu a nós almejar a realização da análise a partir da i) obediência e do ii) respeito que estes personagens, tanto o troiano quanto os bíblicos, têm pelos seus deuses.

### “OBEDECER” À LUZ DA *ENEIDA* E DA BÍBLIA

Segundo GERK (S/D), a *pietas* é definida habitualmente como um sentimento de devoção para com aqueles a quem uma pessoa está de certa forma ligada por natureza, sejam estes pais, filhos, parentes. “[...] Liga entre si os membros da comunidade familiar, unidos sob a proteção da *pátria potestas*, projetada pelo culto dos antepassados. Encontra-se formada no sentimento religioso dos romanos” (ID., op. cit., p. 02). Seguindo o entendimento, os romanos acreditavam que todos tinham seu *genius* tutelar, e que a matrona era protegida por Juno. Diante disso, o conceito de *pietas* se ampliava à divindade, de onde provinha o sentido cristão de *piedade* como prática de veneração do divino e compaixão à divindade, que pode ser exemplificada com este trecho da *Eneida*, onde Eneias faz uma prece a Júpiter:

Júpiter todo-poderoso, se tu não odeias ainda os troianos até o último, se tua piedade lança ainda um olhar sobre as misérias humanas, concede à nossa frota escapar agora às chamas, ô pai, e salva da destruição o pobre recurso dos Teucros! (Aen. V. p. 145).

O sentimento religioso do poeta Virgílio, transcendendo ao seu personagem Eneias, torna-se semelhante aos apelos que Abraão e Jó fazem no decorrer de suas vidas, de suas trajetórias de sofrimentos e derrotas sempre recorrendo a um auxílio de seus deuses, da divindade por eles crida. Portanto, o estudo se deu pelo fato de entendermos que, no personagem Eneias, um troiano que segundo Virgílio (1999) é o fundador de Roma, estão postas as chaves de leitura de ao menos duas virtudes compreendidas como relevantes: a obediência e o respeito. A partir dessa perspectiva, acreditamos na possibilidade de se comparar o personagem virgiliano com algumas figuras da exegese bíblica. A obediência de Eneias, em respeito à vontade dos deuses, pode ser correlacionada, a nosso ver, com muitos personagens bíblicos. E em virtude disso foram escolhidos apenas alguns que, assim como Eneias, mostraram obediência e superaram desafios que lhe foram colocados ao longo de suas trajetórias.

Eneias, por possuir a característica da *pietas* e esta também se fazer presente em Abraão e Jó, remete-nos uma relevância no que tange à comparação entre ambos os personagens da Eneida e da exegese bíblica. Levantamos tal perspectiva porque Eneias respeita e aceita as ordens e o destino que os deuses prepararam para este, da mesma forma acontece em Abraão e Jó. Em *Eneida*, é celebrada a construção da *pax romana*. Eneias é um homem de paz e os versos 107-112 do canto 12 comprovam o seu espírito, ao rejubilar-se pelo seu tratado com os latinos e a conseqüente cessação do derramamento de sangue:

Entretanto, Eneias, não menos terrível revestido das armas maternas, aguça em si Marte e excita a sua cólera, rejubilando pelo fato de a guerra se decidir por meio de acordo que lhe foi oferecido. Então, consola os companheiros e acalma o medo do triste Julo, explicando-lhe os destinos. Depois, ordena a alguns homens que levem ao rei Latino respostas firmes e que lhes ditem as condições de paz (AEN., 12.107-112).

Eneias, apesar do seu comportamento calmo, é um herói que procura a morte, não por almejá-la, mas em razão das vicissitudes de batalha. Para o troiano, seria melhor ter morrido nas ruínas de seu país do que continuar vivendo sem honra, e essa é a sensação que tem quando está diante da evocação da guerra de seu país, nas pinturas em Cartago. O herói chora, assim como Ulisses na *Odisseia*, de Homero, quando chorou na corte de Alcino. Mas as lágrimas de Eneias eram mais dolorosas. O herói grego era um vencedor, porém Eneias era um derrotado, pois já não possuía nada mais em razão da qual viver, nem terra e nem família.

O herói grego voltaria para casa, mas Eneias não tem mais casa e nem regresso (MEDEIROS, 1992).

O herói virgiliano é filho da deusa Vênus e eleito pelos deuses para executar uma missão providencial. Segundo Medeiros (ID., op. cit.), Virgílio fez dele um homem melancólico, que viaja de Tróia para Roma, de um passado que havia perdido para um futuro que nunca há de possuir. Eneias é o único herói épico que, em sua primeira apresentação, aparenta desejar a morte. E após fugir de Tróia para salvar a sua vida e cumprir o destino designado pelos deuses, o herói enfrenta uma grande tempestade que a deusa Juno desencadeou para afastá-lo da Itália. Eneias, tomado de horror, ergue os braços ao céu e exclama:

Oh, três e quatro vezes ditosos aqueles que, diante dos olhos dos seus pais, sob as altas muralhas de Tróia, a sorte concedeu que baqueassem! Ó tu, que foste o mais bravo da estirpe dos Dánaos, filho de Tideu! Ah, porque é que eu não pude tombar nos campos de Ílio e exalar esta alma sob os golpes da tua mão, lá onde indomável já, abatido pelo dardo do Eácida, Heitor; lá onde jaz o gigantesco Sarpédom; lá onde o Símois arrasta e revolve, em suas águas, tantos escudos de heróis e os seus capacetes e os seus corpos poderosos (AEN., 1.94-101).

Eneias também busca a morte, na Sicília, quando as mulheres troianas, cansadas de peregrinações, incendiam a frota e o herói rasga os vestidos e pede à deusa Júpiter que lhe acuda ou o fulmine por suas severa vontade, nos versos 691 e 692. “O que me resta, aniquila-o tu mesmo com o teu raio destruidor, e, se assim o mereço, liquida-me aqui já por tuas próprias mãos”. Eneias não é um covarde, mas teve por muitas vezes a vontade de intentar sua morte.

Na última noite de Tróia, quando tudo estava perdido, enquanto os gregos penetravam na cidade, graças ao cavalo da traição, as casas ardiam. Era impossível ter resistência. Eneias recebe de Heitor, sanguinolento e desfigurado como a urbe, a ordem divina de partir do seu país e fundar uma nova pátria, além do mar (MEDEIROS, 1992). O herói não obedece, nem mesmo quando o sacerdote Panto lhe diz: “[...] acabaram os troianos, acabou Ílio e a imensa glória dos Teucros. Impiedoso, tudo Júpiter transferiu para Argos” (AEN, 2., pp. 325-327).

Logo depois, Eneias reúne um grupo de desesperados como ele e grita-lhes: “Morramos, lançando-nos no meio das armas! Só há uma salvação para os vencidos: não esperarem nenhuma salvação” (AEN, 2., 557-558). Para Medeiros (ID., op. cit.), é o desvario daquele que há de ser considerado herói da sensatez e da *pietas*. Eneias bate-se como um leão, até chegar ao palácio real. A

sua bravura só vacila quando assiste à morte de Príamo e vê o corpo do rei decapitado na areia da pátria. “Ali já, um tronco enorme, na praia; e arrancada dos ombros, uma cabeça; e, já sem nome, um corpo” (AEN, 2., pp. 557-558).

É então que Eneias se lembra do pai, da esposa e do filho. Mas avista Helena, fonte de todas as desgraças, e precipita-se sobre ela para matar. É necessário que Vênus intervenha e lhe faça entrever, com um olhar miraculoso, os grandes deuses empenhados na destruição de Tróia. Anquises, por sua vez recusa-se a partir. E logo Eneias decide regressar a batalha. Mas os deuses suscitam dois prodígios sucessivos: uma chama sacra na cabeça de Ascânio e uma estrela que aponta o caminho do Ida. Então fogem todos. E aquele herói que desafiava a morte estremece agora ao aprender um simples hábito, um simples rumor. Todos fogem, mas perdem Creusa, a esposa de Eneias, na fuga. Porque Creusa é o passado e o passado deve morrer. O passado deve morrer, no entanto não morre. Ressuscita logo à partida, na dor e na saudade: “[...] as praias da minha querida pátria assim as deixo, chorando, e os seus portos e os campos onde Tróia existiu” (AEN, 3., pp. 10-11).

Cabe suscitar que Abrão – antes de ser chamado Abraão – é descendente de Tera, e em Gênesis é explicitada a sua descendência: “Tera saiu da cidade de Ur, na Babilônia, para ir até a terra de Canaã, e levou seu filho Abrão, o seu neto Ló, que era filho de Harã, e sua nora Sarai, que era mulher de Abrão. Eles chegaram até Harã e ficaram morando ali” (GEN., 11., 31. p. 9).

Diante disso, podemos perceber que, assim como Enéias, o herói Virgiliano, Abrão (Abraão) morava com seus pais, antes de receber as designações que seus deuses dariam a ambos. Assim, acreditamos que é preciso explicitar a perspectiva da mudança do nome de Abrão para Abraão. No capítulo 17 de Gênesis é explicitado o porquê da mudança.

Quando Abrão tinha noventa e nove anos, o Senhor Deus apareceu a ele e disse:

– Eu sou o Deus Todo-Poderoso. Viva uma vida de comunhão comigo e seja obediente a mim em tudo. Eu farei a minha aliança com você e lhe darei muitos descendentes.

Então Abrão ajoelhou-se, encostou o rosto no chão, e Deus lhe disse:

– Eu faço com você esta aliança: prometo que você será o pai de muitas nações. Daqui em diante o seu nome será Abraão e não Abrão, pois eu vou fazer com que você seja o pai de muitas nações. (Gen. 17. 1-5. p. 11)

É importante a abordagem a respeito da mudança do nome de Abrão para Abraão porque também há uma comparação entre o herói virgiliano no que tange às promessas a partir das quais os deuses os recompensarão, caso obedecam e cumpram as ordens que lhes foram dadas para tais missões.

Aqui iniciamos nosso comparativo, dado que o herói virgiliano sai de Tróia, seu país, que agora havia sido conquistado e destruído pelos gregos. Eneias sai em busca de uma nova pátria, sendo esta a pátria prometida pelos deuses. O mesmo fato ocorre com Abraão. O chamado de Abraão está registrado no livro de *Gênesis* 12:1-3. Portanto, a intenção trabalhada por nós foi a de sustentar interpretações que nos levem a compreender em que medida Eneias e Abraão tendem a ter suas histórias observadas em função de um mesmo prisma.

Ora, disse o Senhor a Abraão, “saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados (GEN., 12., 1-3).

Abraão é um personagem que tem muitas características parecidas com Eneias. Segundo Camps (1969), Eneias é semelhante a Abraão porque, na estranha analogia, ambos recebem uma promessa de grande futuro para a sua posteridade, mas no decorrer da conquista têm de abandonar o passado. O chamado de Abraão veio junto com uma aparição de Jeová. E a ordem para Abraão foi que deixasse a sua terra, deixasse tudo para trás. Jeová faria uma nova nação, no tocante à exegese bíblica, e não simplesmente revisitaria alguma já existente. Abraão, assim como Eneias, foi obediente à ordem que recebera. No decorrer da *Eneida*, tomamos consciência de que a *pietas* é a qualidade essencial de Eneias, evidenciada pelo seu respeito e obediência aos deuses em todas as suas decisões.

Abraão e Eneias também podem ser comparados no que tange ao início de suas trajetórias. Eneias segue o seu destino, tomado pela *pietas*, na busca da terra que os deuses haviam lhe prometido na perspectiva de levantar uma nova nação, um novo povo: os seus descendentes. Abraão segue, da mesma forma, tomando a perspectiva de obediência e temor ao que não conseguia explicar, seguindo em busca, assim como Eneias, da sua terra prometida.

Outra perspectiva a ser comparada com Eneias e Abraão é a similaridade de suas trajetórias após receberem ordens e missões para saírem de suas



terras e partirem em busca de um lugar prometido por seus deuses. Ou seja, eles seguiam sem rumo, sem saber pra onde ir, apenas observando as ordens que seus deuses dirigiam a eles, aguardando-as. Eneias, por sua vez, começa a trajetória com um reconhecimento do amargo em sua vida pelas perdas (AEN., 2., pp. 42-44) que são acometidas a sua nação: Tróia. Abraão também passa por dificuldades no início de sua trajetória referente à falta de alimento em Canaã (GEN., 12) e teve que ir morar no Egito.

Diante das subjetividades já levantadas, acreditamos que se faz relevante ressaltar a diferença entre Eneias e Abraão no tocante às riquezas. Abraão era um homem de grandes posses; já Eneias havia perdido seu país, seu lar e estava à mercê de total desgraça. Em decorrência disso, é o que porventura acreditamos ser Eneias mais parecido com Jó, sobremaneira em razão de sofrimentos e desgraças que se abateram sobre ambos.

Em decorrência disso, encontramos outra similaridade entre Eneias e Abraão. Eneias é de fato o símbolo da monarquia augustana dentro da poesia (GRIZOSTE, 2013) porque este se configura como o fundador da própria *gens* romana. Já Abraão também guarda similaridade com Eneias com referência à configuração da promessa que Jeová fez ao mesmo de fazer deste uma grande nação (GEN, 12). Logo, a nosso ver, o personagem bíblico também se configura como fundador de uma nação.

Diante dessa perspectiva, tomamos a prumo que outrora Grizoste (2011) já abordara essa positividade de estudo, tomando a contento que em nenhum momento Abraão hesitou à missão que lhe fora conferida. O suposto o torna mais semelhante a Odisseu, porque não hesitar e não lamentar o seu destino premeditado por Jeová confere a si uma moralidade imperiosa. Diante disso, acreditamos que há uma similaridade em Abraão e Eneias pela perspectiva de aceitarem seu destino e obedecerem fielmente às ordens dos seus deuses, porém, Eneias lamenta-se o todo tempo. Além disso, o conceito de *pietas* na obra de Virgílio vai muito além da relação com a divindade. Ele abrange o respeito à família e ao Estado Romano, ou seja, o tripé formador da estrutura social romana.

Com base na assertiva, acreditamos que o espírito com que a elaboração da epopéia está relacionada é o de um pedido do imperador Otávio Augusto para que se divulgassem no poema de Virgílio seus ideais políticos. E, a nosso ver, nada melhor do que se utilizar de grandes feitos, ainda que fictícios, para se mostrar a ascendência divina de um imperador. O poeta poderia levar a leito-

res(as) moderno(as) a compreender suas razões de queimar a obra<sup>3</sup>. Sua intenção seria esconder uma desobediência civil, uma desobediência a regras predeterminadas. Por outro lado, não podemos esquecer que este é um poema feito por encomenda e acreditamos que a rejeição à realização de tal serviço poderia levar o autor ao degredo ou à própria morte.

Encontramos outra prova evidente da *pietas* de Enéias quando observamos valores familiares, no Livro II, com a devoção filial em salvar o pai, levando-o nos ombros:

Havia dito, e já ao longo das muralhas ouvia-se mais nitidamente o crepitar do fogo e o incêndio rola turbilhões perto de nós. Adiante, pois! Vamos caro pai, sobe para as nossas costas: eu te levarei nas minhas espáduas, e esse fardo não será pesado. Ocorra o que ocorrer, haverá para nós dois um só e comum perigo, uma só salvação; que o pequeno Iulo me acompanhe e que minha esposa siga meus passos de longe (AEN, 2).

Verificamos que o qualitativo *pius* distingue o herói. O predomínio e a referência constante dessa qualidade explicam os traços dominantes do seu modo de atuar. Isto nos remete a algumas passagens e mais especificamente quando Diomedes declara um guerreiro tão valoroso como Heitor como sendo ainda mais superior pela *pietas*.

Durante todo o tempo que durou a guerra diante das muralhas de Tróia, foi o braço de Heitor e o de Enéias que detiveram a vitória dos gregos e que a protelaram até o décimo ano. Ambos eram ilustres pela coragem e pelas brilhantes façanhas, mas Enéias o sobrepujava em piedade. Conclui, pois uma aliança com ele, enquanto ainda vos é possível, mas guardai-vos de medir vossas armas com as dele! Ouviste ao mesmo tempo, ó melhor dos reis, a resposta do rei e a sua opinião sobre esta grande guerra (AEN, 10).

Para os romanos, a *pietas* é mais importante que a *fortitudo*. Daí, talvez seja difícil decifrar as atitudes e os feitos dos personagens da Eneida, uma vez que estes personagens pensam ao contrário de Heitor, por exemplo, ao representar um personagem homérico que age por instinto. Ademais, com base numa leitura atenta, não só do poema, percebe-se do que realmente é feita a *pietas* que leva Enéias a descer ao mundo dos mortos, no livro VI, quando reconhece seu pai Anquises, com alegria. “Enfim, viste, e tua piedade, há tanto esperada pelo teu pai, triunfou da dura viagem! É-me dado contemplar teu rosto, ó filho, ouvir e fazer ouvir estas palavras familiares!... Quanto temi que os reinos da Líbia te fossem nocivos!” (AEN, 6).

<sup>3</sup> Segundo Grizoste (2011), Virgílio, antes de morrer, queria queimar a sua epopeia *Eneida*.

Ao associarmos, no entanto, os pontos de vista históricos implicados, temos que Abraão, após receber a ordem de Jeová, partiu para a terra que lhe seria mostrada. Eneias, ao primeiro passo, hesitou em partir, pois queria morrer ali na ruína de Tróia. Não se sabe se Abraão tentou não obedecer à ordem que tinha recebido. O que se há de notar é apenas o registrado no livro de *Gênesis*, e este fato diz respeito a Abraão ter partido e junto com ele foi Ló, seu sobrinho, e sua mulher, Sara.

Partiu Abraão como lhe ordenara o Senhor, e Ló foi com ele. Abraão tinha setenta e cinco anos, quando saiu de Harã. Levou sua mulher Sarai e seu sobrinho Ló, todos os bens que haviam acumulado e os seus servos, comprados em Harã; partiram para a terra de Canaã e lá chegaram (GÊNESIS, 13, 4-5).

Percebemos outra similaridade entre Eneias e Abraão. Eneias levou consigo seu pai, sua mulher e seu filho, mas o herói perde a sua mulher na fuga. E diante dessa perspectiva Ló é semelhante à Anquises, porque ambos saem na companhia dos heróis, mas devem ficar pelo caminho. Ló tem mais sorte do que o pai de Eneias, porque o primeiro partiu para uma terra alheia, já Anquises acaba morrendo. Outros personagens que tem semelhanças são Agar e Ismael. Ambos são parecidos a Dido e Turno. Segundo Grizoste sugere (2011), Agar torna-se concubina de Abraão e Dido torna-se mulher de Eneias, mas ambas devem ser abandonadas. Agar parte para o deserto, enquanto Dido morre e vai para o mundo dos espíritos sem vida, e ambos os lugares representam o caos.

Diante disso, o filho de Abraão, Ismael, vê-se desprovido da paternidade. O abandono de Ismael pode ser comparado à morte violenta de Turno, porque assim como um ato bárbaro de abandono paternal não possui explicações plausíveis, a morte violenta de Turno não possui justificativas. Contudo, acreditamos que o personagem bíblico que mais se aproxima de Eneias é Jó, porque esse personagem lamenta o seu destino o tempo todo. Os lamentos destes dois heróis possuem divergências. Jó não compreende o porquê de estar sofrendo, enquanto o herói virgiliano desejaria ter morrido do que enfrentar todas aquelas adversidades.

Grizoste (2011) compreende que nessas semelhanças com os personagens bíblicos, Virgílio reuniu em Eneias os monólogos de Jó e a missão triunfal de Abraão. O que falta em Abraão completa-se em Jó, e vice-versa. Virgílio reúne ambas as características em seu herói Eneias. O herói virgiliano aparenta ser um dos únicos heróis cuja sua desgraça é total. Eneias é derrotado na guerra, perde

os seus familiares, perde o seu país, presencia a morte do rei Príamo e de toda a família real, além de muitos de seus amigos. Eneias começa a peregrinar pelo mundo, parte para conquistar uma terra que seria mostrada pelos deuses, mas o herói está ciente da desgraça que lhe resta.

A sua esperança no futuro não lhe parece compensar com o seu passado. Eneias tem essa similaridade com Jó. Jó não tem outra esperança a não ser o auxílio divino, pois a sua infelicidade é mortal. Eneias também não tem escolha, nem mesmo quando parte de Cartago. Porém, o herói virgiliano tem perdas sucessivas e trágicas, da mesma maneira que Jó tem perdas repentinas.

O livro de Jó tem início abordando uma descrição sobre o mesmo e suas virtudes.

Na terra de Uz morava um homem chamado Jó. Ele era bom e honesto, temia a Deus e procurava não fazer nada que fosse errado.

Jó tinha sete filhos e três filhas, e era dono de sete mil ovelhas, três mil camelos, mil bois e quinhentas jumentas. Tinha também um grande número de escravos. Enfim, Jó era o homem mais rico de todo o Oriente.

Os filhos de Jó iam às casas uns dos outros e davam banquetes, cada um por sua vez. E as três irmãs eram sempre convidadas para estes comes e bebes.

Quando terminava uma rodada de banquetes, Jó se levantava de madrugada e oferecia sacrifícios em favor de cada um de seus filhos, para purificá-los. Jó sempre fazia isso porque pensava que um dos filhos poderia ter pecado, ofendendo a Deus. (Jó 1. 1-5. p. 343)

Podemos observar que Jó, a nosso ver, possuía a mesma característica de Eneias quanto à *pietas*, o que certamente culmina no ato de obediência e temor ao que a divindade impõe ao ser humano. Da mesma forma que Eneias, Jó era homem bom e honesto, conforme é apontado no primeiro versículo da exegese bíblica descrita. Assim ponderamos sobre a idéia de que ambos possuem traços parecidos, não somente no sentido de obediência e temor, mas também no comportamento humano e nos ideais. Jó é temente e obediente a Deus, como descrito nos versículos da passagem do livro citada acima por nós, remetendo a uma perspectiva, e de tal maneira notamos, de obediência às divindades pelo medo de perdas ou de algo maléfico que poderia lhe acometer caso este, ou seus filhos, viessem a desonrar ou *pecar* contra Jeová.

O livro de Jó segue com uma cena no céu, onde Lúcifer aparece diante de Jeová para acusar seu servo. Ele insiste que Jó apenas serve a Jeová porque o Senhor o protege. Lúcifer pede então pela permissão de Jeová para testar a fé e lealdade de Jó:

Será que Jó não tem razões para temer a Jeová? Respondeu Lúcifer. “Acaso não puseste uma cerca em volta dele, da família dele e de tudo o que ele possui? Tu mesmo tens abençoado tudo o que ele faz, de modo que os seus rebanhos estão espalhados por toda a terra. Mas estende a tua mão e fere tudo o que ele tem, e com certeza ele te amaldiçoará na tua face”. O Senhor disse a Lúcifer: “Pois bem, tudo o que ele possui está nas suas mãos; apenas não toque nele” (JÓ, 1, pp. 9-12).

Jeová concede a permissão, mas apenas dentro de certos limites. Jó perde sua família, sua riqueza e sua saúde em pouco tempo. Diante disso, os três amigos de Jó, Elifaz, Bildade e Zofar, aparecem para confortá-lo e discutir a sua enorme série de tragédias. Eles insistem que seu sofrimento é em castigo pelo pecado em sua vida. Jó, no entanto, continua a ser dedicado a Jeová por tudo e afirma que sua vida não tem sido uma “vida de pecado”. Um quarto homem, Eliú, diz a Jó que ele precisa se humilhar e submeter ao uso de dificuldades por parte de Jeová para purificar a sua vida. Finalmente, Jó questiona o próprio Jeová e aprende lições valiosas sobre a sua soberania e a sua necessidade de confiar totalmente no seu senhor. Jeová então é restabelecido em saúde, felicidade e prosperidade para muito além do seu estado anterior.

Diante disso, podemos enumerar outra característica do comparativo entre Jó e Eneias diante da intenção correlacional de que ambos começam suas trajetórias provando o amargo da vida (O’ HARA, 1990), tendo perdas inestimáveis, o que promoveu para um sentimento de revolta e indignação em ambos. Jó perde tudo da noite pro dia e este cai em total desespero e aflição, da mesma forma que Eneias, ao perder a mulher, o pai e o filho. A história de Eneias é semelhante à de Jó em relação a obediência, sobretudo posto que Jó perde seus filhos, sua esposa e seus rebanhos de animais, igualmente a Eneias, que também tem muitas perdas: primeiro perde a mulher, depois seu pai.

Destarte, é patente que os dois heróis têm inúmeras semelhanças, mas o que os tornam semelhantes não são similitudes a esmo, mas sim as suas obediências às vontades dos deuses, em relação a Eneias, e a de Jeová, em relação a Jó. Outro personagem bíblico que mostra uma semelhança a Eneias, em relação à obediência, é Jesus. Se não, notemos o que segue.

À noite, no Getsêmani, Jesus se mostrava angustiado, pois estava prestes a passar pelo grande sofrimento da via dolorosa (*crusis*). Já em seu calvário, Ele então expõe a Jeová o seu profundo incômodo e sua dor. “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim

como tu queres” (MATHEUS, 26, 39). A súplica feita por Jesus é uma súplica de quem está confrontando com a vontade de Jeová. Talvez fosse a dor de quem preferisse que as coisas fossem de outra forma, talvez menos lancinantes, mas apesar disso tudo Ele não recuou e estava disposto a sofrer tudo pela humanidade.

Diante disso, acreditamos que a *pietas* se faz presente também na imagem de Jesus. Este, mesmo sofrendo, aceitou o seu destino premeditado por Jeová e, igualmente a Enéias, Jesus lamentou-se, como descrito acima. Ambos, de semelhante monta, aceitaram seus destinos, consoante ao personagem virgiliano. O apóstolo Paulo, outro personagem da bíblia, também passou por um momento semelhante, e, *en passant*, nos recordemos de que Paulo se voltou contra Jeová e também demonstrou raiva contra a vontade de seu Senhor. Portanto, a vontade de Paulo não estava associada à vontade de Jeová (CORÍNTIOS, 12, pp. 8-9). Sobre a interpretação, temos que aquele homem da antiguidade pode ser submisso à vontade de Jeová, mesmo quando ela foi contrária a sua. E ainda percebemos que os personagens puderam, sim, buscar à Jeová, como Jesus fez, porém, a nosso ver, nutrir no coração o sentimento de renunciar à vida em razão da obediência é algo controverso e esta é exatamente uma das grandiosas características da *pietas*, a controvérsia da aceitação ao sofrimento.

Enéias renunciou o amor por Dido, não por sua vontade própria, mas por vontade dos deuses. Enéias deveria seguir viagem, deveria seguir rumo à Itália para cumprir seu destino, mas será que o foi de corpo e alma? Enéias cometeu uma culpa, involuntária, a qual, todavia, foi fatal. “A Itália não é por minha vontade que a demando: foi contra minha vontade, rainha, que abandonei as praias do teu reino”. (AEN, 4, p. 361). Enéias diz que foi contra vontade, mas obedece e condena uma inocente, condena o amor que ela sente pelo herói. Essa é a revolta da fraqueza contra a força. A revolta da vida contra a morte. A revolta da esperança contra a crueldade. A revolta de um lutador contra a cegueira do outro lutador. O dobre de finados sobre a fraternidade humana.

## CONCLUSÃO

Compreendemos que *Eneida* nos remete a reflexões relevantes acerca do estudo da literatura latina, da mesma forma que a exegese bíblica, quando traça, no Antigo Testamento, perspectivas acerca da fundação do que hoje é a modernidade (ou pós-modernidade), e acreditamos que compreender como

nações globais foram se formadas, como povos se uniram ou dividiram por intermédio de guerras e/ou conquistas, o que torna relevante para pensar identidades, preceitos e valores.

Os heróis estudados renunciaram a tudo o que tinham. No entanto, entendemos que isso foi mais presente em Enéias pelo fato de Virgílio abordar profundamente a dor do herói troiano. Abraão também renunciou a sua terra, porém, era dono de muitas riquezas. Eneias, por outro lado, sofre desgraçadamente em seu trajeto até a terra que os deuses lhe prometeram. Entendemos que esta perspectiva pode ser encontrada em Jó porque este perdera tudo, e assim como Enéias e Abraão – mesmo lamentando-se a todo momento – seguiu obediente no sentido da *pietas*.

A *Eneida* assim se mostra como uma epopeia de época, datada, mas com qualidades universais, que celebra o surgimento do Império Romano. Ali, são apontados grandes valores que norteiam a vida do povo romano, com suas crenças, práticas religiosas, triunfos heróicos, históricos e ideais. A Bíblia cristã também possui esse caráter, na visão da teologia contemporânea: que essa obra de porte literário conta histórias de povos e nações formadas a partir de rupturas, porém acima de tudo a partir da obediência a deuses. Esta perspectiva se faz presente tanto na sociedade greco-romana, quanto nos povos antigos que se subordinavam a fim de conseguir grandes feitos.

O sentido da *pietas* abordado neste artigo nos remeteu a uma breve abordagem de como isso é tratado na atualidade nas exegeses bíblicas e na perspectiva greco-romana, as quais permeiam a visão do catolicismo, mas afim da *praxis* romana. Na visão do cristianismo, a nosso entender, o sentido da *pietas* ainda é equiparado, porém muito pouco vivenciado; no catolicismo cristão, a herança da perspectiva de *pietas* da visão greco-romana também é muito discutida, porém pouco vivenciado. Diante disso, acreditamos que a obediência a atos divinos perde força, uma perda a qual a modernidade (ou pós-modernidade) trouxe consigo, uma perda de essência do sentido da obediência.

O ser humano moderno, em amplo sentido, esqueceu dos sentidos das batalhas do passado, dos grandes conflitos e carnificinas que eram realizados na perspectiva dos deuses – tanto na realidade greco-romana como nos descritos da bíblia – e a partir disso compreendemos a importância dos estudos clássicos e enumeramos este engajamento da literatura de caráter latina e sua relevância em trazer reflexões acerca dos valores éticos e morais, tendo como pano de fundo a *pietas*.

A revolta da fraqueza contra a força. A revolta da vida contra a morte. A revolta da esperança contra a crueldade. A revolta de um lutador contra a cegueira de um universo mutilado. O dobre de finados sobre a fraternidade humana. Segundo Medeiros (1992), essas são as últimas lições da *Eneida* e do próprio Virgílio, são palavras de tragédia, que tratam bem a história como ela se mostrou. Eneias venceu, mas ficou vencido. Eneias cometeu vários delitos, entre eles o ato de vingança, e traiu o ideal de seu pai. Mas Virgílio não cometeu os mesmos erros que Eneias. A tragédia da *Eneida* não é somente um símbolo da tragédia da história romana, mas também uma tragédia da vida dos homens em geral, da sociedade.

Objetivamos traçar um comparativo do herói troiano, descrito por Virgílio entre alguns personagens bíblicos, que mesmo lamentando aceita seus destinos premeditados pelos deuses. Compreendemos que a *Eneida*, uma epopéia clássica, nos remete a reflexões relevantes acerca do estudo da literatura latina, até mesmo porque acreditamos que compreender como as nações foram formadas através de guerras e conquistas se torna algo relevante para se pensar em nossas identidades, preceitos e valores atuais.

A *Eneida* é uma epopéia mundial, que celebra o surgimento do Império Romano. Ali, foram apontados grandes valores que norteiam a vida do povo romano, com suas crenças, práticas religiosas, triunfos heróicos, históricos e ideais.

## REFERÊNCIAS

Bíblia Sagrada: Nova versão internacional/ traduzida pela comissão de tradução da sociedade Bíblica Internacional. – São Paulo 2000.

GERK, Geisa Moreira Regazzi. A *pietas* de Eneias. Revista ao Pé da Letra. S/D. Disponível em: [http://revistaaopedaletra.net/volumesaopedaletra/vol%204.2/A\\_pietas\\_de\\_Eneias.pdf](http://revistaaopedaletra.net/volumesaopedaletra/vol%204.2/A_pietas_de_Eneias.pdf)

GRIZOSTE, Weberson Fernandes. Os Tímbridas: os paradoxos antiépicos da *Ilíada* Brasileira- Faculdade de Letras-Universidade de Coimbra 2013.

GRIZOSTE, Weberson Fernandes. A dimensão anti-épica de Virgílio e o indianismo de Gonçalves Dias, Coimbra, CECH, 2011.

MEDEIROS, Walter de, ANDRÉ, Carlos Ascenso, PEREIRA, Virgínia Soares, *A Eneida em contraluz*. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1992.



PEREIRA, Maria Helena da Rocha, Estudos de História da Cultura Clássica. Vol. II, Cultura Romana. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian 1984.

VIRGÍLIO (1999). Eneida. Tradução Tarsilo Orpheu Spalding. 5ª Ed. São Paulo, Editora Cultrix.